

**Título:** De Santo Reis ao Papai Noel: processos de modernização no natal maranhense<sup>1</sup>

**Autor:** Paloma Sá de Castro Cornelio

**Filiação Institucional:** Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão

**Resumo:** A comunicação tem por objetivo, analisar uma manifestação profana/religiosa, o Reisado Careta, realizada por um grupo de lavradores, residentes na cidade de Caxias – MA, no período natalino. Adotei o método etnográfico para esboçar os questionamentos suscitados através de pesquisa de campo e leituras de autores contemporâneos que abordam conceitos como cultura, identidade e poder.

Através de observação participante, pude observar que os brincantes do reisado consomem, as denominadas culturas de massa mas produzem, o que costumamos chamar de culturas populares. Pretendo trabalhar com essas questões junto ao grupo de trabalho “cultura popular, patrimônio imaterial e cidades”.

**Palavras- Chaves:** cultura popular; reisado; careta

Apesar de poucas estudos realizados sobre os Reisados, estes sempre foram objeto de muita apreciação. Mário de Andrade, declara em seu livro “Danças Dramáticas do Brasil”, que a palavra Reisado deriva evidentemente de “Reis” e foi uma masculinização brasileira da palavra portuguesa. Em Portugal existe o termo “Reisada”, como quem diz “rapaziada” e “patuscada” (coisas próprias de rapazes ou de *patuscos*. Farra ou ajuntamento festivo de gente que se reúne para dançar e cantar). Citando Sílvia Romero,

“Os Reisados são folganças muito variadas. O característico deles é terem sempre, no fim de várias cantigas e danças, o brinquedo do Bumba-meu-Boi. Originalmente, nos Reisados cantam-se xácaras antigas, velhos romances, novas canções satíricas, chulas, etc.” (Romero apud Andrade, 1934: 35)

Careta é um Reisado, ou seja, uma festa em devoção aos Santos Reis do Oriente, que acontece em forma de visitação. As personagens que representam os Reis, usam máscaras, instrumento cênico que no Maranhão é mais conhecido como careta. Tomei conhecimento dessa manifestação através de uma visita ao Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, localizado na cidade de São Luís, no ano de 2005, quando passava férias na capital maranhense. Quando olhei na exposição as personagens e os instrumentos, resolvi tomá-la

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

como tema para meu projeto de mestrado.

Através da página da internet [www.overmundo.com.br](http://www.overmundo.com.br), pude encontrar *palhaços de Reis*, com a mesma nomenclatura e vestimenta, na cidade de Jardim, no Ceará e em Lizarda, no Tocantins. O único material impresso que encontrei sobre o Careta no Maranhão, foi o ganhador do I Concurso de Folclore do Maranhão, intitulado: “Festa do Reisado em Caxias”, publicado pela Fundação Cultural do Maranhão no ano de 1977, de autoria de José Ribamar Guimarães. Derivado de uma monografia de conclusão em jornalismo, trazia em suas 34 páginas, algumas poucas fotos e explicação sobre a brincadeira. Além disso, pude conversar com Jandir Gonçalves, pesquisador do Centro que tinha organizado a tal exposição. E foi através dele que tive acesso aos brincantes do Careta, pois Jandir conhecia pelo menos sete grupos espalhados pelas cidades de Caxias, Matões, Timon e seus interiores.

São localidades que ficam na região do Média Itapecuru, no Estado do Maranhão, mas que se localizam junto à capital do Piauí, Teresina. São classificadas como pertencentes ao sertão maranhense, e foram palco da Balaiada, que fez parte da luta pela Independência do Brasil. Foi em Caxias que nasceu o poeta Gonçalves Dias.

Resolvi acompanhar, durante o festejo, o grupo de Sebastião Chinês, a “Sociedade Grupo Reisado Caretas Encanto da Terra”, que tem sede no Campos de Belém, Caxias, principalmente pelo fato deles brincarem do dia 24 de dezembro a 06 de janeiro, interrompendo apenas nos dias 25 e 31. Mas tive a oportunidade de visitar outros donos de Reisado fora da época das jornadas. A maioria me disse que atualmente, brinca apenas no próprio dia 06, dia de Reis, em frente a própria casa e outros ainda visitam casas a partir do dia 02 de janeiro.

A festa transcorre em forma de visitação, sendo a casa visitada o palco de apresentação. O grupo vai até a porta da casa de alguém previamente acordado, que deve estar fechada e com as luzes apagadas. Os cantadores entoam os versos de abrir a porta, o dono da casa vai atender e confirma aos caretas que os bichos podem dançar no terreiro, que o dono vai pagar pela festa. Dada a permissão, cada brinquedo (brinquedo, se refere ao boneco animado, que o brincante veste para brincar) tem seu tempo e música para se apresentar, sempre acompanhado pelos músicos e caretas, que formam um círculo, cujo brinquedo vai dançar dentro.

Ao final de cada brincadeira, cada brinquedo joga seu lencinho para o dono da casa “dar um agrado”. Colocam amarrados no lenço a quantia que dispõem no momento ou que acham que o brincante merece. O valor varia de dez centavos a dois reais, geralmente. Os músicos recebem, geralmente, do dono da brincadeira, pois não tem lencinho para jogar aos donos da casa. A bandeira com a imagem de Santo Reis, que é levada por uma senhora

durante toda a noite também recebe a jóia, o dinheiro que será usado para os gastos da festa do dia 06 de janeiro.

Durante uma noite muitas casas podem ser visitadas. Apesar de as casas serem contactadas com antecedência, o grupo chega como se ninguém soubesse. Alguns até se recusam a abrir a porta, pelo adiantar da hora no meio da madrugada ou outros motivos que não apareceram na hora do combinado anterior. Os brincantes ficam meio desapontados quando isto acontece mas o público que vai se formando pela vizinhança onde o Careta passa, parece não ligar muito. Seguem para outra casa, com muito animação, independente do adiantar da hora.

Os brinquedos, ou personagens variam um pouco entre os grupos visitados. No de Sebastião Chinês, são oito *caretas*, duas *burrinhas*, um *boi*, um *jaraguaia*, um *babau*, uma *nega-véia* ou *cabeça de fogo*, uma *ema* e um *galo*, que ia sair pela primeira vez no Natal de 2007. Os *caretas* têm as roupas em forma de saia e colete feitas de palha de imbirã, palmeira típica de região. As máscaras do grupo pesquisado são feitas de couro de animal como o bode e a cutia. As *burrinhas* vestem saia colorida e os brincantes que estão dentro da armação de cipó vestida pelo pano colorido, estão com blusão brilhante e chapéu. O brincante do *boi* fica por baixo da armação, assim como o do *galo*. O *Babau* e o *Jaraguaia* são feitos com a ossada da cabeça de cavalo mais saia colorida. No *Babau*, o brincante aparece e avança cheio de entusiasmo fingindo atacar os *caretas* que fogem para cima do público que se posiciona rodeando o círculo composto por eles. Já no *Jaraguaia* o brincante fica dentro da veste do brinquedo, que com o auxílio de uma vara, aparenta ser muito alto. A *nega-véia* também é alta e tem uma cabaça na com uma vela iluminado sua cabeça.

Dona Nair e Dona Ritinha, donas de outros grupos de Reisado da região, me disseram que quem coloca mais de três *caretas* para brincar ganha lugar na terra mas não ganha no céu. Afinal, eram apenas três reis que levaram presentes na manjedoura que Jesus nasceu mas Bastião Chinês me explicou que com vários fica mais animado, diverte mais o povo. Disse que tem muita gente querendo brincar, por isso aumentou o número de *caretas*, apesar de saber que foram apenas Baltazar, Gaspar e Belchior os visitantes.

Para cada personagem que aparece na brincadeira, Bastião tem uma explicação. Eram os animais que estavam presentes no nascimento de Jesus: o jumento é representado pela *burrinha*; o cavalo pelo *babau*; *ema* estava lá para catar os carrapatos da pata do *boi* e para mim, a mais surpreendente, foi a explicação sobre o brinquedo *cabeça de fogo*, que representa o satanás, como os “terroristas” que aparecem hoje nos Estados Unidos, conforme explicou Bastião.

Cada noite, uma região da cidade é visitada pelo Careta. Além dos brincantes que

saem nos brinquedos, acompanham o grupo, seis músicos, quatro cantadores e a senhora que carrega o imagem do santo. Os instrumentos são dois banjos, dois pandeiros, um triângulo e um tan-tam, espécie de tambor. Bastião disse que gostaria de colocar sanfona e rabeca mas que não tem como pagar. Ele é responsável pela primeira voz, que puxa as toadas, músicas de cada personagem que entra na roda para brincar. Acompanhado por sua irmã, Vanja e mais dois cantadores que fazem a segunda voz, ou seja, respondem no coro, junto com os caretas.

Os componentes do grupo são formados por familiares e vizinhos de Bastião. Esse grupo está junto a uns 15 anos, desde que seu organizador tinha 30 anos. Brincava no Careta de um vizinho chamado Seu Fortuoso, que hoje brinca no interior. Algumas das toadas, canta da forma como sempre existiu e outras ele inventou com seus companheiros. A do galo, por exemplo, foi ele mesmo quem criou e já está preparando outro bicho e música para entrar no próximo ano. Acredita que estar renovando é positivo para a brincadeira, pois o público não se cansa de acompanhar.

Os vizinhos da sede chegam por volta das oito hora da noite, para participarem da reza que acontece sempre antes da saída para a jornada do Careta. O altar é montado no quintal do organizador, com imagem de Santos Reis e outros santos de devoção do dono da brincadeira. O rezador da noite é contratado para rezar a ladainha que termina com a cantiga de levar os santos para dentro, quando os devotos levam para o altar montado dentro da casa, junto aos adereços, instrumentos e vestuário do grupo. Só depois disso é que os brincantes vão se preparar para a caminhada.

Cada noite tem um responsável pelas despesas, são os *noitantes*. Pagam o rezador, os fogos e o chocolate, café e bolos que são distribuídos depois da reza. Geralmente, são devotos de Santos Reis e moram pela região. Fazem em pagamento de alguma promessa, motivo pelo qual Bastião começou a brincar Reisado. Mas nem todos brincam por promessa, muitos fazem por diversão, apesar de terem muito respeito e acreditarem no poder do Santo. O público que acompanha a festa, também o faz por achar divertido. Já os que recebem o Careta em suas portas, estão demonstrado gratidão por alguma graça alcançada com ajuda do Santo.

Eles começam a ensaiar no começo do mês de dezembro por explicação, primeiro aos sábados e depois três vezes por semana, pela noites. Cada personagem tem um passo específico. Também ensaiam sobre versos e sistema de respostas. Bastião disse que “os caretas podem dançar de qualquer jeito que fica bom, mas os outros tem que ser certinho”. Disseram que o povo todo gosta e acompanha. E que, nos dias 24 e 26 de dezembro, é como se fosse um ensaio geral.

Para Bastião, “se quiserem beber muito, é para fazerem nos dias 30 e 31, que o reisado não sai. Afinal, o grupo é uma irmandade, uma família que tem que se unir”. Se sente

orgulhoso de participar de uma entidade que pode representar o estado. Brinca fora de época para ganhar um trocado, apesar de não gostar muito. Mas faz porque é um grupo humilde. No dia 06 de janeiro, dia de Santos Reis, eles me disseram que chega uma multidão para ver o careta. Bastião diz que os 22 integrantes tem que respeitar a entidade e não o dono do grupo. Contou que apesar de bater cabeça demais, não esculhamba ninguém. Mas reclama que não tem apoio, acha que deveria ter. As autoridades só dão segurança, a paisana, no dia 06 e o microfone. Por isso, pensa em montar uma associação, com CNPJ.

O dia de Reis é o ponto alto da festa. É o dia onde o maior número de pessoas se reúne para louvar o Santo. As cinco horas da tarde, é rezada uma missa no quintal da sede do grupo, por um padre contratado da região. Nessa ocasião, aproveitam para batizarem crianças e casarem noivos, apesar desse ano não ter tido casamento, pois segundo os moradores, o valor de R\$ 200,00 não dava para ninguém cobrir. Dois batizados foram celebrados, por R\$ 50,00 cada.

Seguido a missa, sai a procissão em homenagem a Santo Reis. Em um caminhão, com sistema de som e alto falante, um rezador via entoando cânticos, acompanhado por fiéis que carregam velas acesas e curiosos. Fazem um percurso de cerca de duas horas, até retornarem a sede do grupo, onde ocorre um animado leilão, para arrecadar fundos para a festa do próximo ano, conserto de vestimentas, instrumentos e o que mais precisar. Foram leiloados bolos, bebidas e assados, doados pelos *noitantes* e por devotos. O grande final se dá com a brincadeira. Realmente, era tanta gente para assistir que ficava difícil chegar perto do círculo, para acompanhar a festa.

Pretendo agora, descrever o grupo fora de seu contexto habitual. Foram contratados para uma apresentação na programação oficial de natal, da cidade de São Luís. Foram escolhidos, junto a outro grupo de Timon, por terem suas sedes em bairros localizados no perímetro urbano, o que facilita o acesso e o deslocamento dos mesmos até a capital do Estado. Um ônibus os pegou em suas sedes e depois de dez horas de viagem os levou direto para se apresentarem dentro do Museu Histórico Nacional, em São Luís. Seguiram em cortejo pela Rua Grande, local comercial que estava cheio de gente na semana que antecedia o natal.

Quem olhava, se admirava com aqueles brinquedos coloridos e aqueles homens, vestidos com palha e caretas. Além disso, os caretas de Caxias traziam chicotes nas mãos e os de Timon, pedaços de pau, que usam para espantar os seres da rua, durante a brincadeira. Causavam certo estranhamento para os desavisados transeuntes, mas também certo encantamento. Já o público que os aguardavam na Casa do Maranhão era, na sua maioria, de idosos que estavam acompanhando a programação de natal das casas de cultura da cidade. Pude identificar pesquisadores e alguns turistas. Na verdade, o que me chamou mais atenção

nesse dia, foi a rivalidade entre os grupos.

A primeira pergunta que me foi feita, ainda no lugar de origem da procissão, foi a seguinte: “O que vocês estão observando para escolher o vencedor?” Eu expliquei que não estavam participando de concurso nenhum. Me perguntaram também questões relacionadas à organização do evento, como: “Quando é que vão servir a comida?” então expliquei que não trabalhava para a Prefeitura. Como me mantive durante toda a apresentação sentada ao lado dos integrantes dos grupos, no final, acredito que eles entenderam que eu não fazia parte da equipe de produção, que estava ali apenas com pesquisadora e espectadora. Considero fundamental essa delimitação do meu papel, para não causar maiores expectativas, em mim, e principalmente, neles.

A apresentação foi tratada como um espetáculo para agradar o público da casa. Cada grupo teve 30 minutos para se apresentar e passado essa hora, eles voltaram à arena para mais dez minutos de show, sempre acompanhados por palmas, instigadas pelo locutor do evento. Na finalização, devido ao adiantado da hora, os grupos foram convidados a entrarem juntos em cena. Percebi certa inquietação dos brincantes, afinal, as músicas eram diferentes, os passos e até a ordem dos brinquedos dançarem, mas como a ordem era essa, eles obedeceram. E apesar da correria, isto é, de estarem cansados da viagem, cumpriram com seu dever, ganharam o cachê e a tão esperada oportunidade de conhecer a capital do Estado em que nasceram, já que muitos vinham a São Luís pela primeira vez. Apesar de cansados e com fome, estavam todos demonstrando satisfação.

Os brincantes dos Caretas, acionam um jogo de significados que torna esses momentos críticos de experiência e elaboração, em formas de estar na história e na contemporaneidade. Segundo Carvalho (1995), o turismo concebido em toda a sua amplitude, pode se constituir num importante veículo de revitalização da tradição, pois considera que a tradição para se manter, para se reproduzir, precisa atualizar-se, modernizar-se.

Para uma comunidade de brincantes que têm sua fonte de renda baseada na venda de alimentos plantados em poucas linhas de roça, em terras arrendadas próximas as suas residências; o fato de terem aspectos de seus costumes elevados à produto cultural é significativo. Não apenas pelo capital dispensado por parte do Estado para esse tipo de manifestação artística; mas também pela visibilidade que essa esfera da vida das camadas populares os proporciona. São pessoas admiradas pela comunidade em que vivem. Pelo menos, no momento em que tem a oportunidade de expressar suas dimensões lúdicas, suas crenças, suas tradições.

povo, memória convertida em mercadoria ou espetáculo exótico de situações determinadas que a indústria vem reduzindo a curiosidades turísticas?" (Canclini, 1983).

**Bibliografia:**

ANDRADE, Mário de. **As danças dramáticas no Brasil**. Belo Horizonte. Itatiaia, 1934.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo. Brasiliense, 1983.

CARVALHO, Maria Michol Pinto de. **“Matracas que desafiam o tempo: É o Bumba-Boi do Maranhão : um estudo da tradição/modernidade na cultura popular”**. São Luís.

Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão, 1995.

**Página na Internet:** [www.overmundo.com.br](http://www.overmundo.com.br)